

A Tarde
 27/3/96, Pg 5
 06

Greenpeace está preocupado com a devastação ambiental na Bahia

A destruição da Mata Atlântica no sul da Bahia, a poluição do Pólo Petroquímico de Camaçari, a mineração de urânio em Caetité e a priorização do transporte em automóveis individuais em lugar de coletivos, em grandes cidades como Salvador, são problemas ambientais baianos que preocupam a organização internacional Greenpeace. Ontem à tarde, durante o seminário *Comunicação, Mídia e Ecologia*, o diretor executivo do Greenpeace no Brasil, Roberto Kishinami, traçou um panorama das principais agressões ecológicas ocorridas na Bahia, para a reportagem de A TARDE. O seminário aconteceu no Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA), numa promoção conjunta com a Faculdade de Comunicação da UFBA.

Desde que o Greenpeace passou a atuar no Brasil, em 1992, foi criada uma área de trabalho no sul da Bahia. "Indústrias como a Bahia Sul Celulose, Vera Cruz e Aracruz, instaladas naquela região, vêm ameaçando os remanescentes da Mata Atlântica", disse Roberto Kishinami. Segundo ele, os "reflorestamentos" que destroem a vegetação secular também são realizados no sul baiano pela indústria de siderurgia Acesita.

Ele explicou que, mesmo não abrindo novas áreas de reflorestamento, as quatro empresas ameaçam a vegetação nativa, a fauna e a população daquela região, com a contaminação das águas dos rios e do ar. A indústria de extração de madeira é outra inimiga dos resquícios de Mata Atlântica, segundo o diretor do Greenpeace. Por isso, uma das primeiras ações da organização internacional no Brasil se voltou para o sul baiano.

PETROQUÍMICA

Kishinami afirmou que o surgimento da Central de Tratamento de Efluentes Líquidos (Cetrel), no Pólo Petroquímico de Camaçari, não muda o quadro de poluição daquela região de forma significativa. "A rigor, o melhor seria não gerar o tipo de lixo tóxico que é produzido no Pólo", disse, tomando como exemplo os produtos, cujo processo de produção envolve cloro. Ele condena a produ-



Foto: Fernando Amorim
Kishinami citou perigos como a exploração do urânio em Caetité

ção de PVC, que envolve organoclorados. "O mundo dos plásticos pode sobreviver sem o cloro", garante.

O diretor do Greenpeace admite que esta posição pode parecer extrema, contra-argumentando que a determinação dos empresários na manutenção dos processos com cloro é igualmente radical. Ele lembrou que o Pólo de Camaçari foi implantado num período em que não havia discussão profunda sobre os impactos ambientais. "Foi um processo de industrialização gigantesco e rápido e os prejuízos gerados para a água do subsolo, solo e ar só podem ser

recuperados em décadas, mesmo se as atividades poluentes forem interrompidas hoje", comentou.

PERIGO NUCLEAR

Ao revelar que as questões relativas a atividades com elementos radioativos foram o motivo de criação do Greenpeace, em nível internacional, o diretor não distanciou a questão da situação baiana. Ele ressaltou que a mineração de urânio em Caetité provoca a concentração de radioatividade. "Na natureza, estes elementos radioativos ficam diluídos e não causam o impacto que ocorre

quando eles começam a ser extraídos", disse.

E as grandes cidades também estão na mira das preocupações da organização. "Um erro de todas as regiões metropolitanas do Brasil é que as políticas públicas priorizam o transporte privado, enquanto o transporte de massa racionalizaria a produção de poluição. Ele criticou também os aterros de mananciais de água para a expansão urbana, alertando que, no futuro, esta ação pode comprometer o abastecimento de água potável das grandes cidades. A falta de planejamento urbano também implica situações extremas de ausência de saneamento, que afetam a população de Salvador, como lembrou o ecologista.

PERSPECTIVAS

Roberto Kishinami observa que há uma mudança na postura governamental e empresarial com relação à questão ambiental. Ele atribui o avanço à pressão da sociedade com relação à preservação ecológica. No entanto, o ecologista acredita que a nova consciência ainda não se transformou em "ações positivas" e há muito trabalho pela frente. O Greenpeace tem cerca de 300 associados na Bahia e mais de cinco mil no Brasil. Segundo ele, a organização pretende ampliar a sua ação aqui no estado e os contatos podem ser feitos em ligações a cobrar para o telefone (011)361-2972.

Durante a tarde de ontem foi debatido no seminário *Comunicação, Mídia e Ecologia a Cobertura Jornalística dos Fatos Ecológicos*, sob a coordenação do professor de Comunicação Othon Jambreiro. O sociólogo Juca Ferreira, o assessor de Comunicação do Cofic, Erico Oliveira, o jornalista Carlos Ribeiro e o presidente de uma associação alemã de educação ambiental Gerhard de Haan estavam entre os debatedores. Na platéia, a presença de jornalistas era pequena. Estudantes de Comunicação e militantes ecológicos eram maioria, o que confirma uma observação do diretor do Greenpeace: "O espaço em televisões e jornais para a questão ambiental está diluído e vem diminuindo nos últimos anos", disse ele.